

O que se guindou á verdadeira «altura da gravidade das circumstancias»



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Os mais pequenos serão os maiores... Já o dizia o Evangelho, em paraphrase comnosco.

A batota

Pela segunda vez, os jornaes noticiam alegres e jubilosos, o segundo ataque ás batotas da capital.

«Fazemos votos, dizem elles, para que o ex.^{mo} sr. governador civil não pare no affan de purgar a cidade d'estes covis immundos do vicio, d'onde sae a desgraça de tantas familias, a miseria, o crime!!»

De accôrdo.

O moralistas, ó almas candidas, como sois ridiculos, acobertando na approvação hypocrita das vossas predicas, a patuscada, com fóros de seriedade, a patuscada, que a politica move pelas engrenagens pôdres das suas conveniências.

Tendes rasão; o jogo é um vicio.

O vicio, qualquer que seja, deve prohibir-se; mas não vos estafeis em odes laudatorias; acima de todas as convenções sociaes, existe uma liberdade suprema, a liberdade individual.

Sim, é esta a questão: o mais são lérias.

Quem é que governa na minha bolsa? Sua ex.^a a auctoridade! curvae-vos, prodigos, um olho providencial véla pelos vossos dinheiros... sim, e a arca do thesouro, o erario, o imposto... descançae, chega ainda, ó Harpagnons, ó pandegos!

Isto é extremamente curioso.

Se eu quizer agarrar no dinheiro da minha bolsa e atirar com elle ás ondas do Tejo aurifero, estou plenamente no meu direito; se eu quizer derretel-o, em casa, de camaradagem com a minha sopeira, para fazer bolas para o meu rosario, ou balas para o meu revolver, estou ainda fóra da alçada policial.

Agora, o que eu não posso fazer é perdê-lo, gastal-o, derretel-o, ao pé de dez ou doze pontos, collocando-o sobre quatro cartas, em quadrado, proferindo umas phrasas cabalísticas:

ds de cima, salto ao az, á cruz do rei.

A moral, e, não sei se a hygiene de Jayme José, perigam altamente, n'este negocio.

De facto, comprehendendo que n'este jogo, ha actos que devem ser mal olhados pelos poderes constituidos, pela carta constitucional e seus addicionaes. O arrojo com que um maráu qualquer, a rescender a aldehyde, colloca um pataco esverdeado sobre a effigie d'um monarcha, exclamando: *salto no rei!* Por muito tolerante que deva ser um governador civil, elle não deverá nunca consentir, que assim se salte em sua magestade.

Um outro, marquez ou padre preferirá um az de copas e apostará n'elle contra a rainha, que será n'essa occasião cercada por algum parceiro que tenha filé com as damas.

E, de muitos mais factos que eu podia adduzir d'este jaez, imagine-se quanto este jogo não deva merecer a nossa justa abominação.

Bravo, pela policia: assaltou as casas de jogo, roubou a mobilia, prendeu os donos da casa; faltou-lhe apenas derruir o quarteirão immundo e lançar sobre os destroços o sal purificador. Não pare porem; ha muito mais casas a assaltar, e se zéla os dinheiros publicos com tanto interesse, vou dar-lhe umas informações aproveitaveis.

Alli, para S. Bento, ha um casarão onde de janeiro em diante se joga dia e noite, a honra do paiz, a sua riqueza, a sua vitalidade. É uma grande roleta, onde quem lança a bola, são senhores diversos, mas sob a responsabilidade d'um tal senhor Fontes. Como a tunica do Christo, o paiz tem sido distribuido pelos pontos mais de confiança: tem-se jogado, a India, Lourenço Marques, o Commercio, a Industria, tudo. É uma roleta aristocratica, onde a menor parada é de 2700 contos, onde por tanto Zé Povinho não pode apontar, achando-se por isso na tristissima situação, de perder o dinheiro, sem ter ao menos o desaffogo de jogar no *palpite*.

Esta grande casa de *commercio*, tem as suas succursaes. São no Terreiro do Paço. O jogo ahi é mais *pataqueiro*, as paradas são de menor vulto: a felicidade das familias, empregos, commendas, concessões, privilegios, candidaturas, etc., etc.

A policia conhece-as, como conhece as outras, as que podem comprometter um ou outro asno que se deixa depennar: assalte-as pois, confisque a mobilia e atire-me com os responsaveis para o governo civil. Entre o jogar uma possessão e *uma de seis*, não se hesita; o exemplo deve partir de cima.

E depois tudo isto é uma caricatura, uma *charge* incalculavel: Portugal inteiro, é uma *batota* inaugurada em nação independente. Desde a liberdade da consciencia, á liberdade do voto; da reorganisação do exercito, á reorganisação do ensino; da pureza das leis, á pureza do asucar mascavado ou da manteiga ingleza; da commenda ao concurso, do parlamento á taberna, da illuminação dos espiritos á illuminação publica, é tudo uma batota, em que as cartas são puxadas por sujeitos que sabem da *poda*.

N'esta roleta enorme, cujos numeros são representados pelos direitos individuaes, ha apenas um *ponto*, *ponto* eterno, que *pára* e perde, obrigado a jogar, por força, o suor, o trabalho, a camisa e muitas vezes a honra!

Esse ponto chama-se — Zé Povinho.

Se elle joga seis vintens, prendem-n'o; no entanto mettem-lhe as mãos na bolsa e depennam-n'o. Ora, francamente, se o devem levar para alguma parte, não é para o governo civil, decerto, é para o Capitolio.

M.



O visconde de Carriche deitou prosa sentimental no *Diario de Noticias*, a proposito da condemnação das grades do passeio, lavrada no tribunal do largo do Pelourinho. Ao visconde esqueceu apenas pedir a lyra emprestada ao Florencio Ferreira, com o que daria ás suas endechas um tom mais melancolico e funebre.

Entre outras coisas sentidas, diz *elle* que tal vandalismo vae deixar sem esteio na folga, a milhares de creanças que ali passaram os mais saudosos momentos da sua vida descuidosa...

Se o visconde de Carriche não teve em mira dar boa rasão ao proloquio de que *duas vezes somos creanças*, é porque andava feito com o Justino Soares nos honorarios do baile infantil...



O magistrado que julgou os delinquentes apanhados n'uma das ultimas rusgas ás batotas, pregou uma descompostura formidavel no chefe de policia que commandára a diligencia, mas impoz a multa de trez mil e tanto a cada um dos accusados. A isto é que se chama dizer mal do demo e ficar mal com Deus! Em quanto com o gesto da mão esquerda fulminava o agente de policia que attentara contra a liberdade de uns innocentes, lavrava com os dedos da mão direita a sentença que condemnava aquelles mesmos innocentes!

Este odio pela policia e este rancor pelos batoteiros só podia ter uma explicação plausivel: se o magistrado tivesse casa de batota, e os *pontos* lhe levassem a banca á gloria...

Eduardo Pailleron



Eduardo Pailleron, festejando a 200.^a representação da *Sociedade onde a gente se aborrece*, doou uma quantia á sociedade protectora dos orphãos, em vez de gastal-a na classica ceia offerecida aos amigos: Um homem que dispõe assim com os enteados da fortuna o que poderia consumir com a propria barriga, representa para nós, tão pechosos em questões de barriga, além d'um benemerito um objecto raro, e tem como tal direitos incontestaveis a um cantinho no nosso coração e a outro cantinho no museu do Possidonio.



Em varios jornaes vem annunciada a venda publica da laranja da China produzida nas reaes propriedades de Queluz com a mesma simplicidade de phrase com que a Theresa dos Anjos faz reclame á couve gallega creada na sua horta. E ainda ha quem accuse o monarcha de falso demagogo! Mas não sabemos então o que querem que elle faça!

Elle dança lanceiros como o sr. Justino Soares; elle faz versos como o sr. Luiz de Araujo; elle bota discursos da corôa como sr. Gonçalves Vivas; elle espeta n'uma cana, para lhes atirar a chumbo, as mesmas batatas que nós espetamos no garfo; elle faz pontaria ás mesmas azeitonas com que nós comemos a carne de porco; elle vende laranjas como aquelle velhote que apregoa:



— Já não ha quem se lembre da triste laranja da China?...

Na verdade, que não sabemos c que mais desejam...

O padre Senna Freitas veio á imprensa declarar que não fôra elle, mas um seu irmão, que, na inauguração do centro egitimista de Braga, arrancara do peito uma bandeira branca, obrigando os assistentes a jurar sobre ella amor e fidelidade á causa realista.

Abstrahindo a affeição fraternal com que o padre Senna Freitas sacudiu do lombo aquella responsabilidade para a depôr sobre o espinhaço do mano, louvamos-lhe ainda a resignação evangelica com que elle se alheia das luctas politicas, confessando ser homem para tudo menos para questões de *bandeirinha*...

E nós que faziamos a seu respeito um juizo tão com-traposto...

Aos que padecem bôlha suicida

Escutae-me, ó gente fria
Que, por influencia de astro,
Trazeis ferrada a mania
De dar cabo do canastro.

Não ralho de quem se babe
Tomando arsenica dóze...
Pois cada um é que sabe
As linhas com que se cose!

Metta quem soffra pesares
Comprida faca nas tripas,
Ou co'um tiro lance aos ares
Os miolos e as farripas.

Mas, se é perfeito christão,
Da sua alma evite o estrago:
Antes d'esta operação
Veja se arranja algum bago.

Pois o padre o seu responso
Não nega ao rico suicida...
Somente se faz *Alonso*
Com quem tem bolsa escorrida.

Sabei, pois, que a quem se matta
Sempre absolve a Egreja Madre...
Mas é mister oiro ou prata
P'ra pagar a resa ao padre.

Mostram-no elles!... creio-o eu!...
— Quem tiver a bolsa forte
Não deixa de entrar no ceu
Por falta de passaporte!

Pelintrões sem um pataco,
Tremei do juizo eterno!...
Se a bala metteis no caco,
Cafis nas chammás do inferno!

Compra-se a eterna guarida
(Sabei-o aqui, gente leiga)
Co'a moeda com que em vida
Se compra o pão e a manteiga.

O governo negou á memoria do marechal Vidigal e Silva, recentemente fallecido, o cumprimento da ultima vontade do morto, que consistia apenas em ser conduzido para o cemiterio por seis porta-machados do regimento de infantaria 18, que o insignificante veterano da guerra peninsular commandára em tempo. E, para que tal acto o não indispozesse para com o exercito, o mesmo governo acaba de nomear para o commando da 2.^a divisão militar ao illustre general Paulino de Sá Carneiro, a proposito de quem se instaurou um innocente processo que ha meia duzia de annos joga as escondidas nas pra-teleiras do tribunal.

AS GRADES DO PASSEIO VALE DE LAGRIMAS



Cóco o génio da destruição
Chorae Carricheorae
Que essas grades lá vão

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



Lucianno descobre que um longo queixo como o seu não cabe em paiz tão pequeno como o nosso



e por isso resolve-se a atravessar as salsas ondas em demanda de regiões em que caiba o seu longo queixo.



Na qualidade de guarda-marinha, Lucianno faz guardas de honra á rainha e logra a suprema ventura de lhe lambusar com o queixo a regia mão.



Mas o queixo de Lucianno era ambicioso até sonhar com o queijo do orçamento.



Por isso o queixo volta a nuca ás instituições vigentes e vae á procura do queijo na republica.



Lucianno discursa, prega a revolta e o queijo lá no horizonte sem se commover.



O queixo de Lucianno entra affoitamente na geographia em demanda do queijo, mas não o encontra.



Diz adeus á republica e desata a *queixolar* a monarchia na pessoa do Caro. E o queijo sem descer do horizonte.



Passa a *queixolar* o Zé Dias e o queijo sem se decidir.



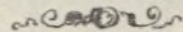
Volta-se para Pinós-Puente e á força de o *queixolar* quasi que o deixa a pedir chuva. E o queijo sem se enternecer.



Vira-se para a exposição do Rio de Janeiro e deixa os expositores a pedirem esmola. E o queijo sem amolecer. Sae do chapéo do ministro para a representação nacional e desata aos pinotes á memoria de Garibaldi. E apesar d'isso o queijo não desce da burra.



Afinal o queixo de Lucianno resolve-se a ir a um concurso, a prova real dos que não podem dar mais nenhuma, e o queijo desce do horizonte e vem pousar como uma pomba sobre o proprio longo queixo.



Conselho aos assignantes das recitas impares de S. Carlos



Querem ver o Gayarre? Pois vão vel-o a Cintsa a caburro ou na rua, porque na Favorita será difficil — não acham?



No fim de contas, o beneficio de Silva Pereira não se effectuou na segunda feira ultima, ficando transferido para o proximo dia 19, porque o Baptista Machado adoeceu com bertoeja nas mãos, produzida pelo fôrro d'umas luvas inglezas—segundo contam os jornaes. Quanto a bertoeja é um facto; quanto ás luvas é uma refinada carambolice. O Baptista Machado apanhou a bertoeja nas mãos mas foi a fazer espiritismo nas mesas de pe de gallo: o verniz da tinta é que lhe fez mal á pelle. A Cesar o que é de Cesar e ao luviero o que é do luviero; restituam-se os creditos a este, e lance-se o anathema sobre a cabeça do droguista.

A grade

CARTA Á MINHA AMADA

Ai! Paula d'estas entranhas!
Com que infinita saudade
Vejo abater das peanhas
Aquella formosa grade!

Foi junto d'ella, no outono,
Quando a cebola se exporta,
Que amor te ergueu doce throno
No extremo da minha aorta.

Lembras-te, Paula? Tu estavas
Sentada no botequim,
E eu reparei, vi que olhavas
De quando em quando p'ra mim...



Andava então muito em moda
Brincos e broche de prata...
Tu estavas tomando soda,
Eu fui tomar uma orchata...

Sahiste pouco depois,
Foste p'ra o pé do coreto,
Ouvir a banda do 2
Que tocava o Rigoletto...

Seguiu-se um hymno macanjo
Que a banda cantava em côro...
Foi d'esta forma, meu' anjo,
Que nós botámos namoro...

N'esse passeio ao domingo,
Este amor, ó anjo qu'rido,
Destilou-se a pinga e pinga...
Amei-te como um perdido!...

Amei-te como a sanguinea
Adora o sol que começa;
Como Paulo amou Virginia
E Abeilhard... — não, menos essa...



Mas tudo findou! Murchou-me
Da affeição o doce esteio;
Em breve só resta o nome
D'essa grade do passeio!

Acabou tudo este mez,
Ó minha adorada Paula!
Nunca mais, nem uma vez
Farei namoro de jaula!



Não terei onde te veja
Perto de mim um minuto!
Nunca mais bebo cerveja,
Nunca mais fumo charuto!

Chora, amor! É de razão
Quando eu soffrô que tu soffras...
Nunca mais no S. João
Queimaremos alcachofras!

Não mais a graça realças,
Co'o teu mano pequenino
Aprendendo a dançar valsas
Pela dextra do Justino!



Nunca mais nas tardes quentes
De junho, julho, ou de agosto,
Te verei mostrar-me os dentes
Das quatro e meia ao sol posto.

Nunca mais tomo sorvetes,
Nunca mais visto os meus fraques.
Nunca mais verei foguetes
Nem posso ouvir triques-traques!

Já não tenho onde me acoite,
Por isso minh'alma geme...
Nunca mais verei á noite
Calospintocomogreme!!!...

Da grade o espectro te siga,
Ó Gregorio do diacho,
A pesar-te na barriga
— Posta de pontas p'ra baixo!...



PAN.

A passagem de Venus

